

## TÍPICO DA AÇÃO DAS MULHERES QUE DENUNCIAM O VIVIDO DA VIOLÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A ENFERMAGEM

### TYPICAL ACTIONS FROM WOMEN REPORTING VIOLENCE: CONTRIBUTIONS TO NURSING

### TÍPICO DE LA ACCIÓN DE LAS MUJERES QUE DENUNCIAN LO VIVIDO DE LA VIOLENCIA: CONTRIBUCIONES PARA LA ENFERMERÍA

Leticia Becker Vieira<sup>I</sup>  
Stela Maris de Mello Padoin<sup>II</sup>  
Ívis Emília de Oliveira Souza<sup>III</sup>  
Cristiane Cardoso de Paula<sup>IV</sup>  
Marlene Gomes Terra<sup>V</sup>

---

**RESUMO:** Objetivou-se apreender o típico da ação de mulheres que denunciam o vivido da violência. Pesquisa qualitativa fundamentada na Fenomenologia Social de Schütz, a partir da entrevista fenomenológica com 13 mulheres que procuraram o serviço, na Delegacia de Polícia para Mulher e de Pronto Atendimento de um município do sul do Brasil. O estudo foi realizado no período de março a abril de 2010. A análise desvelou o típico da ação das mulheres ao denunciar a agressão sofrida: esperam acabar com a situação de violência que não aceitam; desejam paz e retomar seus planos e sua vida; têm intenção de se separar do companheiro; têm expectativas com relação ao direito de justiça e proteção dos filhos. O típico da ação, como perspectiva para a enfermagem, amplia a compreensão do profissional quanto ao vivido das mulheres, possibilitando um direcionamento do cuidado no cotidiano assistencial para o enfrentamento da violência.

**Palavras-chave:** Saúde da mulher; cuidados de enfermagem; violência contra a mulher; filosofia.

**ABSTRACT:** This paper aims at identifying typical actions from women reporting violence. Qualitative research based on Schütz Social Phenomenology, from phenomenological interviews with 13 women in search for assistance at the Women's Police Office and Emergency Department of a city in southern Brazil. The research was done from March to April, 2010. Analysis showed typical standards in the actions by women reporting violence, enhancing the following expectations: to stop violence, which they do not accept; to reestablish peace and resume life projects; to separate from partner; to exercise their rights and receive Judiciary protection for themselves and their children. As a perspective for nursing, typical standards in women's actions broadens comprehension by the professional about women's experience and directs daily care to cope with violence.

**Keywords:** Women's health; nursing care; violence against women; philosophy.

**RESUMEN:** Se tiene por objetivo comprender lo típico de la acción de mujeres que denuncian lo experimentado por la violencia. Investigación cualitativa fundamentada en la Fenomenología Social de Schütz, a partir de la entrevista fenomenológica con 13 mujeres que buscaron el servicio, en la Jefatura de Policía para la Mujer y de Pronto Socorro de un municipio del Sur de Brasil, para el registro de ocurrencia de la violencia, en marzo-abril/2010. El análisis desveló lo típico de la acción de las mujeres al hacer la denuncia: esperan acabar con la situación de violencia que no aceptan y que no aguantan más; desean paz y retomar sus planes y su vida; tienen intención de separarse del compañero; tienen expectativas en relación al derecho de justicia y protección de los hijos. El típico de la acción, como perspectiva para la enfermería, amplía la comprensión del profesional cuanto a lo experimentado por las mujeres, posibilitando un direccionamiento del cuidado en el cotidiano asistencial para el enfrentamiento de la violencia.

**Palabras clave:** Salud de la mujer; atención de enfermería; violencia contra la mujer; filosofía.

---

<sup>I</sup>Enfermeira, Mestre em Enfermagem. Doutoranda pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vice-líder do Núcleo de Estudos sobre Mulheres, Gênero e Políticas Públicas do Departamento de Enfermagem Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: lebvieira@hotmail.com

<sup>II</sup>Enfermeira, Doutora em Enfermagem. Docente no Departamento de Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria. Líder do Grupo de Pesquisa Cuidado à Saúde das Pessoas, Famílias e Sociedade. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: stelamaris\_padoin@hotmail.com

<sup>III</sup>Enfermeira, Doutora em Enfermagem. Titular de Enfermagem Obstétrica do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: ivis@superig.com.br

<sup>IV</sup>Enfermeira Especialista em Enfermagem Pediátrica. Doutora pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Maria. Líder do Grupo de Pesquisa Cuidado à Saúde das Pessoas, Famílias e Sociedade. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: cris\_depaula1@hotmail.com

<sup>V</sup>Enfermeira, Doutora em Enfermagem. Docente no Departamento de Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Grupo de Pesquisa Cuidado à Saúde das Pessoas, Famílias e Sociedade. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: martesm@terra.com.br

<sup>VI</sup>Trabalho extraído da dissertação: *Perspectivas de mulheres que denunciam o vivido da violência: cuidado de enfermagem à luz de Schütz* aprovada pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsa Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

## INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres assumiu um caráter público, a partir de reivindicações de movimentos sociais e de mulheres que começaram a denunciar as situações de violência vividas dentro dos lares<sup>VI</sup>. Até então, essa situação possuía um caráter privado, exercida e resolvida entre a mulher e o seu companheiro, e legitimada pela sociedade. Ao ganhar visibilidade e comprovar seus impactos sociais, econômicos e na saúde dos envolvidos, passaram a ser exigidas, nas agendas governamentais, ações de enfrentamento da violência no âmbito nacional e mundial.

Desde a segunda metade do século XX, houve um movimento de enfrentamento da violência por parte da sociedade civil e do Estado, com desenvolvimento de convenções, conferências, políticas públicas e legislação que tratam a violência como uma infração legal e uma ação que anula os direitos humanos do segmento feminino. Entretanto, no mundo da vida cotidiana, muitas mulheres convivem e se relacionam com companheiros agressivos, ora em uma atitude de naturalização de tais situações impostas culturalmente pela sociedade, ora buscando meios para romper com este ciclo da violência.

O homem e seus semelhantes vivenciam uma atitude natural em seu mundo da vida cotidiana, que lhes possibilitam a experiência e a interpretação a partir dos conhecimentos transmitidos, que funcionam como um código de referência<sup>I</sup>. Nessa concepção, visualiza-se que a violência contra as mulheres tem como substrato as questões construídas culturalmente pela sociedade, as quais determinam os papéis que os atores sociais devem assumir, de ser homem e de ser mulher. Entre esses, o de quem agride e o de quem sofre a agressão, fenômenos que passaram a ser vistos como atitudes naturais nas relações sociais.

Nessa perspectiva, o enfrentamento da violência contra as mulheres, como fenômeno destrutivo de sua vida e saúde, deve considerar as dimensões estrutural, particular e singular da realidade. Sendo assim, é fundamental que os serviços de saúde, local que muitas vezes as mulheres elegem para buscar ajuda, passem a se preocupar com tais dimensões, procurando identificar e compreender o fenômeno da violência em profundidade, para enfrentá-lo de forma a superar o modo intervencionista, ainda hegemônico, que reproduz a ideologia opressora dominante<sup>2,3</sup>.

A violência contra as mulheres, em algumas pesquisas desenvolvidas na área da saúde brasileira, tem como cenários órgãos especializados neste atendimento. Entre eles está a Delegacia Especial de Atendimento às Mulheres, cujo primeiro serviço em funcionamento no país data do ano de 1985, e que, desde agosto de 2006, atua com respaldo da Lei 11.340. Essa Lei, denominada Maria da Penha, prevê a assistência à

mulher em situação de violência entre outras providências. Tais pesquisas conduzem para a compreensão da violência, segundo a concepção de quem as sofre; estabelecem o perfil das mulheres e seus agressores; caracterizam a tipologia das violências; descrevem a experiência de mulheres em situação de violência que desistiram do processo de denúncia do agressor<sup>4,9</sup>.

Após essa incursão pela produção científica na saúde, permanecia obscuro o significado para essas mulheres que vivenciam a violência e que são motivadas a denunciar tal vivido, eixo central desta investigação de mestrado. Buscou-se responder à questão de pesquisa: quais os *motivos para* a mulher que realiza a ação de denunciar o seu vivido em situação de violência? Compreender e interpretar a ação humana só se torna possível ao revelar seus *motivos para*, ou melhor, as suas motivações<sup>I</sup>. Desse modo, a mulher, ao vivenciar o processo de denúncia da violência na sua ação intencional, tem *motivos para* agir.

Entende-se que as mulheres que realizam a denúncia podem descrever, com suas próprias palavras, a partir do mundo da vida cotidiana, de sua bagagem de conhecimentos e de sua situação biográfica, os sentimentos e significados vivenciados, revelando a importância deste estudo desvelando sua intencionalidade. Assim, tem-se como objetivo do presente artigo apreender o típico da ação de mulheres que denunciam o vivido da violência em uma Delegacia de Polícia, a partir da abordagem da Fenomenologia Social de Alfred Schütz.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico-metodológico da Fenomenologia Social de Alfred Schütz objetiva descrever a estrutura da experiência vivida e a percepção dos indivíduos sobre suas vivências, caracterizando-se por ser um método intuitivo<sup>10</sup>. Constitui-se como uma fenomenologia de atitude natural, em que a intersubjetividade não é considerada um problema de constituição que se resolve na esfera transcendental, mas sim um dado do mundo da vida, relacionado à questão da comunicação interpessoal, corporal e cultural<sup>11</sup>.

Alfred Schütz nasceu em Viena no ano de 1899, e faleceu em 1959. Estudou Direito e Ciências Sociais, e, interessado pela Sociologia de Max Weber e pela filosofia de Edmund Husserl, contribuiu para estabelecer os fundamentos de uma Fenomenologia Social<sup>12</sup>. Schütz se apropriou de conceitos básicos da fenomenologia de Husserl: intencionalidade, intersubjetividade e mundo da vida, tendo como eixo a volta ao núcleo essencial. Da Teoria da Ação Social de Weber, utilizou-se dos conceitos de compreensão, ação e significado subjetivo para fundamentar filosoficamente as ciências sociais<sup>11</sup>.

A fenomenologia social investiga o mundo das relações sociais, o foco de interesse é o que se pode

constituir como característica típica de um grupo social ao vivenciar uma determinada situação<sup>10</sup>. Nesse sentido, para apreender as motivações da mulher que denuncia a violência vivida, é preciso voltar à consciência do indivíduo. Quando a mulher em seu mundo da vida cotidiana interage com os outros, materializa seus anseios e necessidades em forma de ações. A fim de apreender a ação subjetiva do indivíduo, Schütz se apóia em *motivos para* e *motivos porque*. Conceitualmente motivo se refere ao “estado de coisas, o fim, em função do qual a ação foi levada a cabo”<sup>11,124</sup>. Com vistas ao objetivo desta investigação destacam-se os motivos para, que se referem a: algo que se quer realizar, objetivos que se procura alcançar, tendo uma estrutura temporal voltada para o futuro, formando uma categoria subjetiva da ação, isto é, estão estreitamente relacionados com a ação e a consciência do ator<sup>1</sup>.

Assim, Schütz propõe que em toda ação que o sujeito estabelece tem um sentido intencional e busca atender suas expectativas e necessidades. Contudo, este sentido e significado somente o próprio indivíduo pode desvelar. Os motivos de cada sujeito são expressos em ações quando se dirige a outro, e este do mesmo modo se reporta com uma ação, o que Schütz denomina de relação social. Assim, quando esta relação social ocorre no mesmo espaço e tempo cronológico tem-se a denominada relação face a face<sup>1</sup>.

Esta abordagem teórica trata de uma estrutura de significados na vivência intersubjetiva da relação face a face, apreendendo que as ações sociais têm um significado contextualizado de configuração social e não puramente individual<sup>1</sup>. De forma que a relação face a face configura-se como um modo de aproximação e interação, que possibilita ao sujeito verbalizar seus sentimentos, angústias, frustrações ou sonhos, dando suporte para minimizar o desconforto dessas situações<sup>13</sup>.

Na fenomenologia social, busca-se construir a característica típica da ação do grupo social que vivencia determinada situação no mundo da vida cotidiana. Nesse sentido, a tipificação “define o tipo de ação em processo e os tipos ideais de pessoas”<sup>1:135</sup>. O típico da ação é construído por meio da observação da vida real, daquilo que se capta da realidade e da vivência. Considera-se que tal tipicidade desempenha papel importante na compreensão do outro e na interação social<sup>11</sup>.

Portanto, nesta investigação, optou-se por este referencial uma vez que possibilita desenvolver uma relação face a face e de familiaridade entre pesquisadora e mulher em situação de violência, que decide e age pela denúncia deste vivido. Permite valorizar as questões sociais e relacionais presentes no mundo da vida desta, desvelando o outro em uma forma mais global e contextualizada.

## METODOLOGIA

O estudo constituiu-se em uma investigação com abordagem qualitativa, fundamentada na Fenomenologia Social de Alfred Schütz<sup>1</sup>.

As participantes deste estudo foram mulheres em situação de violência que realizam a denúncia do companheiro em um órgão especializado no atendimento às vítimas de violência. Foram desenvolvidas entrevistas fenomenológicas com mulheres, na faixa etária de 18 e 59 anos, que realizaram o registro da violência na Delegacia de Polícia para a Mulher (DPPM) e Delegacia de Pronto Atendimento (DPPA) de um município do interior do Rio Grande do Sul, Brasil. O parâmetro para esta demarcação etária diz respeito à legislação que coíbe a violência contra as mulheres, e convergente com a população atendida nas delegacias especializadas existentes no município em tela.

Ressalta-se que as entrevistas foram desenvolvidas nas referidas delegacias, em sala disponibilizada pelo serviço que possibilitava privacidade. A seleção das mulheres deu-se de forma aleatória, mediante sua aceitação e disponibilidade em participar da pesquisa após a denúncia.

Para Schütz, a pessoa explicita seu motivo para sua intencionalidade através da comunicação<sup>11</sup>. A entrevista fenomenológica oportunizou o relato de sua vivência no que se refere ao tema da questão, desvelando o significado de sua ação. A produção dos dados ocorreu nos meses de março e abril de 2010, com o tempo médio de 22 minutos, tendo por diretriz um roteiro que contemplava a situação biográfica da entrevistada e a questão orientadora: o que você tem em vista quando realiza a denúncia da violência?

O número de participantes não foi predeterminado, visto que a etapa de campo, desenvolvida concomitante a análise, mostrou o quantitativo de entrevistas necessário para responder ao objetivo da pesquisa. Dessa forma, com um total de 13 entrevistas, findou-se essa etapa, tendo em vista a suficiência de significados expressos nas falas<sup>14</sup>.

Para a análise das falas, foram desenvolvidos os seguintes passos: escuta do conteúdo gravado das entrevistas; transcrição; leitura do texto das entrevistas na íntegra; agrupamento das falas por afinidade (ideias comuns); captação dos *motivos para* por meio de recortes das falas que respondiam à pergunta de pesquisa; releitura do texto das entrevistas na íntegra, a fim de confirmar que essas ideias (categorias concretas do vivido) expressavam os motivos para a ação de denunciar; identificação das relações das categorias entre si, chegando ao típico da ação. Esse, representa a essência, o que é comum a esse grupo social. A interpretação dos resultados foi fundamentada nas concepções teóricas da Fenomenologia Social de Alfred Schütz<sup>15</sup>.

O estudo seguiu os princípios éticos determinados na Resolução n° 196/96, do Conselho Nacional de

Saúde<sup>16</sup>, e foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, sob o número do processo 23081.015518/2009-66. Para preservar o anonimato das participantes, foram utilizados nomes fictícios de flores na identificação nos trechos das falas, os quais foram escolhidos pelas mulheres.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A questão orientadora *o que você tem em vista quando realiza a denúncia da violência?* permitiu, no movimento analítico, apreender nas falas das mulheres categorias concretas do vivido que são destacadas nesta seção. Após identificar estas categorias, buscou-se a apreensão dos motivos para expressos na vivência das mulheres em situação de violência, à luz do referencial de Alfred Schütz<sup>1</sup>.

A categoria *Esperam acabar com a situação de violência, que não aceitam* é expressa nas falas seguintes:

*Não dá! Está demais, está demais a situação... Assim não dá! Eu vou ser bem sincera, eu aceitava, agora eu não aceito mais.* (Copo de leite)

*Foi um inferno toda a minha gestação! Depois da minha gravidez continuou sendo um inferno, e só foi piorando. Ficando cada dia mais agressivo. Mais violento, foi mostrando cada vez mais aquele lado ruim dele [...] Eu já não tava mais aguentando, agressivo, cada dia mais agressivo.* (Rosa)

A categoria *Desejam ter paz e retomar seus planos e sua vida* emergiu dos depoimentos:

*[...] não respeita o meu emprego, porque eu tenho direito de trabalhar, eu tenho direito de dormir! Eu tenho direito de estar em paz sabe! Nem isso não tenho mais, paz! Então não tem fundamento eu não poder descansar, tomar um banho, dormir descansada, sair! Eu quero paz!* (Rosa)

*Eu espero melhorar de vida, ele [...] me deixar em paz, ele viver a vida dele. Daí eu quero fazer isso para ver se ele segue a vida dele, para eu seguir a minha.* (Orquídea)

A categoria *Têm a intenção de se separar do companheiro* é revelada nas seguintes falas:

*Espero que seja amenizada a nossa situação, porque conviver com ele não quero mais! Quero que as coisas se resolvam! Que resolva um pra cada lado! Eu vivendo a minha vida com minha filha e ele longe [...] Eu só quero que a gente se separe!* (Lisianthus)

*Eu quero me separar dele! Se a nossa vida não foi boa até agora, não vai adiantar eu continuar com ele!* (Tulipa)

A categoria *Possuem expectativas com relação ao direito de justiça* é desvelada nos seguintes relatos:

*Eu espero que haja justiça, para eu ter um pouco de paz! Por isso que eu tô aqui! Eu não vou deixá-lo impune, eu quero tocar para frente! Eu quero que a justiça seja feita! [...] Existem leis, agora tem a Maria da Penha! Eu peço que todas as mulheres, que são agredidas, até verbalmente, que denunciem! Que sejam fortes, que*

*elas não vão ser desamparadas! Como eu não estou sendo agora!* (Girassol)

*Eu já o denunciei uma vez, mas eu não sei o que deu, porque o processo nem chegou lá em casa, daí eu parei de denunciar, porque ele sabia que não ia dar em nada! Mas eu espero que tenha uma providência, ou que eu saia de casa, ou arrumem um jeito dele sair! Assim, com os dois dentro de casa, não vai dar mais! Eu espero que tenha providência!* (Violeta)

A categoria *Direito de proteção individual e dos filhos* é expressa nos depoimentos:

*Ele vivia dizendo que ia se matar, se eu não quisesse viver com ele, só que eu não sei até que ponto ali, de uma hora para outra, ele poderia se virar contra mim, e se ele tirasse a minha vida, eu não ia poder criar o meu filho! Eu não ia poder ver meu filho crescer! [...] Então eu fugi porque eu queria ver meu filho crescer, se ele quisesse tirar a vida dele, o problema era dele [...] Então, o que me motivou na verdade foi isso. Foi meu filho.* (Crisântemo)

*Porque ele ameaçou a minha filha, de pegar ela! Eu não me preocupo comigo, eu me preocupo com ela. Para mim não, porque ele me matando, só vai acabar tudo! [...] Me preocupo com ela!* (Onze horas)

A apreensão do típico da ação das mulheres que denunciam o vivido da violência em uma delegacia especializada possibilitou compreender que a ação destas mulheres tem como substrato suas intenções, as quais foram possíveis de serem desveladas a partir da análise compreensiva, ancoradas nas concepções de Schütz<sup>1</sup>.

Para a apreensão do típico da ação de tais mulheres, foi necessário afastar os pressupostos relacionados aos conhecimentos sobre a temática violência contra as mulheres, que, de alguma forma, pudessem velar esta faceta da realidade encontrada. De modo que, as categorias concretas do vivido, desveladas pelo sentido da ação subjetiva das mulheres que realizam a denúncia da violência, possibilitaram construir o típico da ação, não significando experiências únicas e singulares<sup>11-15,17</sup>.

Ao considerar que, para se compreender o significado de uma ação, se tem que apreender seus motivos para<sup>1</sup>, percebe-se que a ação de denunciar da mulher que vivencia a violência é consciente e está voltada para alguém ou alguma coisa. Essa mulher, inserida em seu mundo da vida cotidiana, pertence a um contexto de interações sociais<sup>11-15,17</sup>.

O típico da ação constitui uma característica comum a um grupo que está vivenciando um mesmo fenômeno<sup>1</sup>, que na investigação em tela se refere à denúncia do vivido da violência em uma delegacia. Dessa forma, a análise das falas possibilitou captar a intencionalidade e apreender o típico da ação<sup>1,11-15,17</sup> das mulheres ao vivenciarem a ação de denunciar: esperam acabar com a situação de violência que não aceitam; desejam paz e retomar seus planos e sua vida; têm intenção de se separar do companheiro; têm expectativas com relação aos direitos de justiça e de proteção individual e de seus filhos.

## CONCLUSÃO

Esta investigação desvelou uma faceta da intencionalidade das mulheres que denunciam, em uma delegacia, o vivido da violência. A apreensão do típico da ação dessas mulheres permitiu entender o tema violência sob uma perspectiva que considera a mulher sujeito de sua história que, ao decidir pela denúncia da agressão sofrida, tem intenções referentes a sua vida pessoal, familiar e social. Destaca-se a expectativa de ter seus direitos assegurados.

Esses resultados constituem um importante subsídio para atenção a essas mulheres, como indivíduos e grupo social. Quando à atenção à saúde, os resultados apontam para a necessidade de cuidados de enfermagem desenvolvidos a partir das necessidades individuais e sociais, reconhecendo que as demandas assistenciais estão relacionadas ao mundo da vida cotidiana das mulheres em situação de violência.

Ao considerar o mundo da vida destas mulheres, que é um mundo social, aponta-se que apreender os motivos que as levam a denunciar requer compreender as relações que elas estabelecem, seja com o companheiro, seja com os filhos, familiares, com os profissionais que atendem esta demanda. Compreendê-las nessas relações aponta para sua rede social.

Implica ampliar o olhar sobre o fenômeno da violência, não restringindo a aspectos biológicos, das clássicas intervenções físicas no setor saúde, mas sim transcender para aspectos sociais, relacionais, econômicos, culturais e históricos.

Isso denota que, na maioria das vezes, o contexto social do problema e o movimento de desnaturalização e desconstrução social de comportamentos ainda aceitos não são contemplados no cuidado à saúde dessas mulheres, indo de encontro ao que apregoam as políticas públicas.

Conclui-se que a contribuição do pensamento de Schütz para a enfermagem diz respeito a compreender o outro – a mulher em situação de violência – na sua dimensão humana e social. Possibilita pensar, projetar e agir a partir das necessidades de saúde e contexto vivencial desse grupo social para o enfrentamento do fenômeno da violência contra as mulheres.

## REFERÊNCIAS

- Schütz, A. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar; 1979.
- Guedes RN, Silva ATMC, Fonseca RMGS. A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. *Esc Anna Nery*. 2009; 13: 625-31.
- Vieira LB, Padoin SMM, Landerdahl MC. A percepção de profissionais da saúde de um hospital sobre a violência contra as mulheres. *Rev Gaúcha Enferm*. 2009; 30:609-16.
- Brandão ER. Renunciando de direitos? A problemática do enfrentamento público da violência contra a mulher: o caso da delegacia da mulher. *Physis Rev Saúde Col*. 2006; 16:207-31.
- Guedes RN, Silva ATMC, Coelho EACC, Silva DACC, Freitas WMF. A violência conjugal sob o olhar de gênero: dominação e possibilidade de desconstrução do modelo idealizado hegemonicamente de casamento. *Online Brazilian Journal of Nursing*. 2007; 6(3).
- Jong LC, Sadala M.LA, Tanaka ACDA. Desistindo da denúncia ao agressor: relato de mulheres vítimas de violência doméstica. *Rev esc enferm USP*. 2008; 2:744-51.
- Leôncio KL, Baldo PL, JoãoVM, Biffi RG. O perfil de mulheres vitimizadas e de seus agressores. *Rev enferm UERJ*. 2008; 16:307-12.
- Monteiro CFS, Souza IEO. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. *Texto contexto - enferm*. 2007; 16:26-31.
- Sagim MB, Alves ZMB, Delfino V, Vanturini FP. Violência doméstica: a percepção que as vítimas têm de seu parceiro, do relacionamento mantido e das causas da violência. *Cogitare enferm*. 2007; 12:30-6.
- Merighi MAB. Fenomenologia. In: Merighi MAB, Praça NS. *Abordagens teórico-metodológicas qualitativas: a vivência da mulher no período reprodutivo*. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan; 2003.
- Capalbo C. Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schütz. Londrina(PR): Ed. UEL; 1998.
- Souza MHN, Souza IES. Tocantins FR. Abordagem da fenomenologia sociológica na investigação da mulher que amamenta. *Rev enferm UERJ*. 2009; 17:52-6.
- Ribeiro IB, Rodrigues BMRD. Cuidando de adolescentes com câncer: contribuições para o cuidar em enfermagem. *Rev enferm UERJ*. 2005; 13:340-46.
- Boemer MR. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 1994; 2:83-94.
- Tocantins, FR. As necessidades na relação cliente-enfermeiro em uma unidade básica de saúde: uma abordagem na perspectiva de Alfred Schütz [tese de doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1993.
- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Br). Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília(DF): Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP); 1996.
- Rodrigues BMRD, Santana JS, Pacheco STA, Ciuffo LL, Gomes APR, Rosa JS, et al. A ética no cuidar em enfermagem: contribuições na fenomenologia sociológica de Alfred Schütz. *Rev enferm UERJ*. 2011; 19:239-41.